

Um sacerdote atrás das grades

Tatiana Pires

0 Tweet 5 Curtir 38 Compartilhar

Reprodução/Diocese de Catanduva



Padre Osvaldo Donizete da Silva, 51 anos, conhecido como Barrinha, foi preso desde no dia 5 de junho, acusado de abusar sexualmente de uma garota de 12 anos

Advogados de defesa do padre de Sales, Osvaldo Donizete da Silva, 51 anos, conhecido como Barrinha, recorrem ao Superior Tribunal de Justiça com uma liminar de habeas corpus para liberar o religioso da cadeia. Preso desde o dia 5 de junho, o pároco e acusado de abusar sexualmente de uma garota de 12 anos, no dia 1º de maio, na paróquia de Sales.

Um dia após a prisão preventiva dele ter sido decretada pela Justiça, Barrinha foi encaminhado à cadeia pública de Novo Horizonte. Após recurso para que ele fosse instalado em uma cela especial - por possuir diploma universitário em filosofia -, o padre foi transferido para a cadeia de Andradina.

“O pedido de revogação da prisão preventiva e a liminar do habeas corpus impetrado junto ao Tribunal de Justiça de São Paulo foram negados. Agora, aguardamos um resultado do julgamento do STJ para esta semana. Caso seja negado, iremos recorrer ao Superior Tribunal de Justiça”, afirmou um dos advogados do padre, Ribamar de Souza Batista, acrescentando que a tese de defesa, baseada nas afirmações de Barrinha, é de que o crime não aconteceu. “Não houve a prática do crime, não houve atos libidinosos, limitando-se o padre a ter dado um abraço na garota, gesto esse que teve uma interpretação equivocada”.

Prisão “arbitrária”

O bispo de Catanduva, Dom Otacílio Luziano Da Silva, responsável pela paróquia de Sales, avalia a prisão preventiva do padre Barrinha como arbitrária. “Lamentamos a prisão que, na minha opinião, foi arbitrária, porque desde a denúncia o padre está afastado das atividades públicas da igreja, não havia o risco de contato com a família como foi alegado. Não estava nem mais morando em Sales, estava numa residência fixa do padre Jonas, aqui em Catanduva e não havia o risco dele fugir”, argumentou Dom Otacílio.

Segundo os autos do processo, o padre teria beijado a menina e passado a mão pelo corpo dela. O crime teria acontecido dentro da sacristia, no momento em que a menina foi fazer a primeira confissão. Barrinha ainda teria colocado a mão da garota em regiões íntimas dele. A denúncia foi feita à polícia pela mãe da menina.

De acordo com o bispo, essa é a primeira denúncia contra o padre Barrinha. Ordenado padre em dezembro de 1997, ele permaneceu na Diocese de Rio Preto até 2000, quando assumiu o comando da igreja Santo Expedito, em Catanduva e em dezembro de 2011 foi transferido para a paróquia São Benedito, de Sales.

“Homem trabalhador”

“Conheço o padre Barrinha há três anos e meio, desde quando deixei de ser sacerdote em Assis e fui ordenado bispo e posso garantir que se trata, de um homem trabalhador e obediente aos preceitos da igreja. Trata-se de uma pessoa dedicado e que têm um bom relacionamento com a comunidade dos locais que atuou”, disse.

De acordo com o promotor de Justiça Gustavo Yamaguchi Miyazaki, foi pedida a prisão preventiva para assegurar que o padre não tenha contato com a vítima e a família dela. Procurado ontem pela reportagem, o delegado Saint Clair Silva Duarte, de Sales, não quis falar sobre o caso. Disse apenas, por meio de assistentes, que não tinha mais o que falar porque o inquérito já estava encerrado.

Quer ler o jornal na íntegra? >> [Acesse aqui o Diário da Região Digital](#)